

A ILHA FISCAL

MARIA AUGUSTA EVANGELISTA FERNANDES

Bacharel em Belas Artes¹

SUMÁRIO

Histórico
Influências Estilísticas
Características neogóticas e ecléticas
Características estilísticas diversas
O edifício ontem e hoje
A Joia da Baía
Conclusão

HISTÓRICO

A construção do prédio da Ilha Fiscal obedeceu a necessidades prioritariamente econômicas, tais como reprimir o contrabando e diminuir custos com as tarefas de vigilância e centralização de toda a máquina administrativa envolvendo atividades portuárias. A Ilha Fiscal, inicialmente, recebeu o nome de Ilha dos

Ratos, batizada pelos navegantes que por lá traficavam, pois apresentava um aspecto pardacento de pedras disformes e supostamente era povoada por ratos oriundos da Ilha das Cobras.

Em meados do século XIX, a Ilha Fiscal recebeu equipamentos de maquinismos hidráulicos, galpões de guindastes, oficinas, depósitos e fornos de cal. Em 1881, o Ministério da Marinha e o Ministério

1 N.R.: Com especialização em Teoria da Arte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é Restauradora na Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM).

da Fazenda manifestaram interesse pela excelente condição estratégica da ilha. Del Vecchio, diretor de Obras do Ministério da Fazenda, apresentou um projeto de construção de um porto aduaneiro que fez com que a ilha ficasse pertencendo ao seu Ministério.

Em 6 de novembro de 1881, lançou-se a pedra fundamental. A 10 de janeiro de 1882, a ilha passou a se chamar Ilha Fiscal. O projeto inicial do posto aduaneiro obedecia a um caráter estritamente funcional e simples.

Iniciados os trabalhos, o imperador D. Pedro II fez uma visita à ilha e, encantado com a vista panorâmica, declarou: “Isto é um delicado estojo, digno de uma brilhante joia”. Tal afirmação, vinda do imperador, incentivou Del Vecchio a reconsiderar o projeto, reformulando-o ao estilo neogótico inspirado nas concepções construtivas de Violet le Duc, arquiteto e restaurador do século XIX.

Na justificativa da escolha desse estilo adotado, Del Vecchio afirma: “A construção planejada, tendo de ser levantada isoladamente em uma ilha que se projeta sobre um fundo formado pela caprichosa Serra dos Órgãos, encimada por um vasto horizonte, e que faz frente para a entrada da baía, devia ser feita de forma a causar impressão agradável aos que penetrassem no porto, e suficientemente elevada para que pudesse facilmente ser vista de qualquer ponto entre a mastreação dos navios e prestar-se, ao mesmo tempo, à fiscalização do ancoradouro”.

Após quatro meses nas mãos de Pedro II para apreciação, o projeto recebeu premiação (medalha de ouro) da Academia Imperial de Belas Artes, em exposição sugerida pelo próprio imperador.

Del Vecchio preocupou-se também com a ornamentação paisagística, já que no projeto constava o plantio de coqueiros. “Arrematei, por pouco preço, na praça do mercado,

uma certa quantidade de cocos da Bahia, já com brotos, e fi-los transportar para a ilha e plantar em torno; os coqueiros cresceram dentro de breve prazo e não tardaram a dar frutos.” O monarca degustava água dos frutos em suas constantes visitas para acompanhar o andamento da obra. Divertia-se, para beber a água, em quebrá-los pessoalmente com sua machadinha particular – chamada de “machadinha imperial”.

A construção foi concluída em 1889, e dela participaram:

- cantaria – Antonio Teixeira Paiz, profissional português, proprietário da Pedreira da Saudade (Praia da Saudade), onde atualmente está sediado o Iate Clube, ajudado por um velho escravo que esculpiu o brasão imperial situado acima do pórtico de entrada;

- mosaico do piso – Moreira e Carvalho;
- relógio da torre – Krussman & Cia.;
- agulha de ferro do corpo central do edifício – Manuel Joaquim Moreira & Cia.;
- aparelhos elétricos – Leon Rode;
- pintura decorativa – Frederico Steckel;
- vitrais – originários da Inglaterra.

A 27 de abril de 1889, foi inaugurado o edifício neogótico da Ilha Fiscal. A solenidade de inauguração contou com a presença do imperador, do Conde D’Eu e de comitiva, transportados até a ilha pela galeota de D. João VI.

No encerramento da cerimônia, Adolfo José Del Vecchio fez uma demonstração do uso do holofote com potência de 60 mil velas, cujo fecho de luz disparou em todas as direções, nova tecnologia que impressionou a todos.

A 9 de novembro do mesmo ano, realizou-se na Ilha Fiscal o último baile do Império, que marcou a transição entre o fim da Monarquia e o início da República.

De um lado havia o sistema monárquico desgastado com dificuldades administrativas, econômicas e ideológicas; do outro,

os novos ideais republicanos influenciados pelos Estados Unidos da América, assim como por países vizinhos. Seis dias depois se instaurou o regime republicano, sob a liderança do Marechal Deodoro da Fonseca.

A Revolta da Armada, em clara oposição ao Marechal Floriano, foi liderada pelos almirantes Custódio de Melo e Luís Filipe Saldanha da Gama, resultando em ataques bélicos que acabaram por atingir o prédio neogótico da ilha.

Com a alvenaria, vitrais, mobília e outros itens avariados, a Ilha Fiscal ficaria relegada a segundo plano até 1913, quando a Marinha manifestou interesse pelas suas dependências, propondo ao Ministério da Fazenda uma permuta pelo Vapor *Andrada*.

Desde então a ilha passou aos cuidados da Marinha. Após abrigar em suas dependências a Diretoria de Hidrografia e Navegação, foi transformada em espaço cultural e empenha-se, hoje, em tornar pública sua singular história.

INFLUÊNCIAS ESTILÍSTICAS

A edificação da Ilha Fiscal, construída em estilo predominantemente neogótico e, conseqüentemente, eclético, agrega em si alguns remanescentes de outros estilos arquitetônicos. Além do gótico que lhe deu origem, podemos notar algumas influências do românico, do manuelino e do classicismo grego.

Características neogóticas e ecléticas

Em estrutura de ferro e granito, preenchida com pedra, tijolo e concreto, possuía originalmente, no revestimento externo, argamassa de cor verde composta por pó de pedra e mica. O aspecto estético da cantaria combinada ao pó de pedra conferia à construção uma aparência pictórica, ou seja, os dois materiais vibravam em intensidades diferentes. A textura, o brilho e a

cor de ambos proporcionavam um efeito de profundidade que atualmente não é perceptível nos acabamentos obtidos pelas tintas industriais de látex ou acrílicas.



Detalhe da pintura decorativa em estilo mourisco

Internamente, tanto o torreão ou câmara do almirante quanto as alas leste e oeste possuíam suas paredes ornamentadas com pinturas decorativas. A Marinha optou por restaurar a pintura do torreão, que, nas paredes, era em estilo mourisco (arabescos em tons de vermelho, castanho e dourado) e, nas abóbadas, em gótico (fundo azul com estrelas douradas), recurso pictórico comum nos estilos gótico e neogótico. Nas alas leste e oeste, recuperou-se somente o tom verde pistache da base da pintura decorativa original.

O parquê do piso da câmara do almirante é composto de variados tipos de madeiras brasileiras, dentre elas o pau-marfim, a imbuia, o jacarandá da Bahia (extinto) e do Espírito Santo, o amendoim (extinto) e a peroba-do-campo (em processo de extinção). Os motivos decorativos do parquê baseiam-se em ornatos em forma de rosa dos ventos, trevos, trilóbulos, cabos e dentes de serra (banda normanda).

Seus vitrais coloridos a fogo dispõem as mais diversas formas de desenhos e cores diferentes. Nos vitrais do estilo gótico, cada fragmento de vidro colorido representava uma fração da figura que se pretendia formar.



Parquê do piso da câmara do almirante composto por variados tipos de madeiras brasileiras



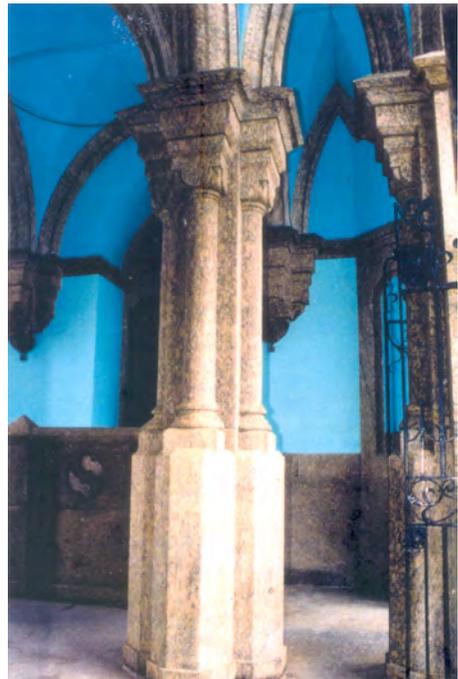
Abóbada de nervura

Características estilísticas diversas

Do gótico, podemos notar claramente o uso de diversos elementos arquitetônicos, como, por exemplo, o arco ogival (ou quebrado), a abóbada de nervura, o trifório no pórtico central de entrada, as ameias, as guaritas ou vedetas, as bombardeiras, a albarra (torres), o fecho de ogiva, o fecho pendural, o feixe de colunas adoçadas ao pilar, as agulhas, o balestreiro, o catavento e o pendão.



Vitrais retratando D. Pedro II e a Princesa Isabel



Capitel e coluna neorromânicos

O estilo românico pode ser notado nas colunas e capitéis atarracados que se encontram na *loggia*² da área central térrea do edifício.

Os elementos decorativos que lembram cordas e correntes de navios, típicos do manuelino, estão presentes no fecho pendural (que adoça o fecho do arco da abóbada de nervura com a parede).



Fecho pendural neomanuelino

Já o estilo clássico é evidente em suas proporções, influenciadas pela escala humana dos gregos, que domina quase por completo a arquitetura do edifício, em oposição à escala monumental do estilo gótico. A simetria e a horizontalidade também são aspectos formais que evocam as concepções helênicas de construção. Das ordens gregas, podemos extrair o capitel coríntio presente nas colunas adoçadas aos pilares da câmara do almirante.



Capitel coríntio em colunas adoçadas

O EDIFÍCIO ONTEM E HOJE

Presente na paisagem carioca há mais de um século, o “castelinho” da Ilha Fiscal remete-nos a uma atmosfera romântica em meio à velocidade mecanicista do mundo contemporâneo.

Na época de sua construção, quais seriam as razões da adoção de um estilo baseado em concepções góticas para um posto oficial de alfândega?

Como já citado, o engenheiro responsável pelo projeto declarou em sua breve notícia sobre o edifício, no ano de 1885: “... deveria causar impressão agradável ao que penetrassem no porto, ser suficientemente elevada para que pudesse facilmente ser vista de qualquer ponto entre a mastreação dos navios..., qualquer outro estilo, por mais leve e aéreo que fosse, pareceria sempre pesado, visto por entre a mastreação dos

2 N.R.: Do italiano – Elemento arquitetônico aberto inteiramente ou em um dos lados (como uma galeria ou pórtico) coberto e normalmente sustentado por colunas e arcos. (Fonte: Wikipédia)

navios..., por exigir o posto fiscal a criação de uma torre elevada para a observação e iluminação do ancoradouro...”.

Sobre essas premissas, podemos compreender melhor a intenção do engenheiro Del Vecchio para a adoção do estilo neogótico dentre muitos outros de origem estrangeira.

O porto da cidade do Rio de Janeiro era a porta de entrada de viajantes e produtos. O edifício tinha de ser belo e diferente, a ponto de sobressair-se bem na paisagem. Deveria impressionar os visitantes.

Depois da queda do Império, foi estigmatizado como edifício *kitsch* e antiquado. Ficou esquecido, e era lembrado somente como o “castelinho” onde aconteceu o último baile da Monarquia.



Restauração da pintura decorativa da câmara do almirante em estilo mourisco (1998)

A Ilha Fiscal permanece bela e reluzente como profetizou o Imperador Pedro II quando a designou como um “delicado estojo de uma brilhante joia”

Com o tempo, a paisagem ao seu redor foi se modificando. Novos aterros foram feitos, um molhe foi construído, os navios ancorados ao redor lhe poluíram a paisagem, e a altura dos arranha-céus tornou-o mirrado.

Depois de mais de cem anos de esquecimento, seu esplendor foi devolvido. De patrimônio histórico inexpressivo, tornou-se espaço cultural ativo. Sua história confunde-se com as de outros edifícios que ficaram esquecidos pelo tempo e que hoje readquirem sua dignidade.

Se, em meio à monumentalidade da cidade, a volumetria do prédio não produz mais impactos, a Ilha Fiscal permanece bela e reluzente como profetizou o Imperador Pedro II quando a designou como um “delicado estojo de uma brilhante joia”.

A JOIA DA BAÍA

O edifício da Ilha Fiscal, instalado em plena Baía de Guanabara, é um dos poucos exemplares brasileiros de arquitetura civil neogótica.

Semelhante ao Parlamento britânico, que, coincidentemente, está às margens do Rio Tâmisa, o prédio da Ilha Fiscal possui um corpo clássico, horizontal, em contraposição ao torreão vertical, que divide a construção em dois pavilhões distintos. Essa união de forças ousadamente antagônicas cria uma sensação de placidez e segurança e, ao mesmo tempo, provoca emoção e êxtase.

A tendência horizontal das alas leste e oeste é acentuada pela disposição das janelas em espaços regulares, que dão a impressão de acompanhar sincopadamente o andar do transeunte. A verticalidade do torreão é uma linha que extraordinariamente

te sobe aos céus sem barreiras. Precisamos alçar os olhos para poder percorrê-lo.

O dinamismo estimulado pelo contraste do encontro entre estas perpendiculares promove uma sensação de vitalidade e força, enfatizada pelos volumes sólidos e austeros e pelas massas articuladas e elegantes.

A unidade está presente na simetria bilateral dos espaços ligados a um eixo comum, que intercepta dois espaços planos em “L”. Esses espaços unidos traçam um plano retilíneo em forma de “U”, que se caracteriza por ter uma forma aberta. A forma da planta baixa em “U” foi criada no barroco helenístico e, posteriormente, retomada no maneirismo e no barroco. A arquitetura civil gótica tendia à assimetria.

O torreão é o espaço hierarquicamente mais importante da construção, criando uma tensão, um ponto focal, pois sua importância deve-se à sua localização, ao seu formato e ao seu tamanho.

Essas relações são compreendidas por meio das fachadas e também pelo espaço interior da construção. A disposição e a distribuição internas obedecem aos mesmos

critérios analisados até então, sem dissociá-los, já que fazem parte de um consenso perceptivo.

CONCLUSÃO

As influências do clássico e do gótico são apreciáveis na arquitetura civil neogótica do prédio da Ilha Fiscal. O estilo helênico pode ser notado na horizontalidade com que domina a construção, na escala humana dos gregos, no uso do capitel coríntio e na simetria.

O corpo central do torreão e as outras duas torres menores da fachada principal funcionam como contraponto e conferem maior dinâmica ao conjunto. A *loggia* situada no pórtico central também é uma característica clássica, pois une coerentemente o espaço interno e o espaço externo, concedendo-lhes maior naturalismo.

Os elementos góticos, já mencionados anteriormente, convivem espontaneamente com os outros estilos da construção, pois eles não se anulam e sim se somam em meio à harmonia proporcionada pela construção eclética em questão.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<HISTÓRIA>; História do Brasil; História da Marinha do Brasil; Ilha Fiscal; Del Vecchio. Adolfo José;